

O Texto Poético: Um Novo Horizonte Em Sua Leitura

Maria de Lourdes Gaspar Tavares
Mestra em Língua Portuguesa – PUC-SP-CAPES

RESUMO: Este artigo está situado na área de produção textual e tem por tema as figuras intertextuais de similitude e dissimilitude na construção de representações lingüísticas de poemas. Tem-se por objetivo contribuir para a leitura de textos poéticos; a título de exemplificação apresentar-se-á a intertextualidade no diálogo de Sophia de Mello Breyner Andresen com Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa. A fundamentação teórica que serve de ancoragem para esta investigação são os princípios da lingüística de texto e da análise do discurso, abrangendo, respectivamente, a intertextualidade *stricto* e *lato sensu*. *O procedimento metodológico usado é o teórico/analítico e as análises são qualitativas.* O estudo realizado permite caracterizar os novos textos/discursos em relação a seus arquétipos/discursos fundadores por figuras poéticas de intertextualidades: de **similitude** e de **dissimilitude**. Os resultados apresentados são parciais e participam de uma pesquisa mais ampla a respeito da intertextualidade na construção de textos poéticos.

PALAVRAS CHAVES: similitude, dissimilitude, textos poéticos.

ABSTRACT: This article is located in the area of textual production and the theme is the intertextual figures of similarity and dissimilitude in the construction of linguistic representations of poems. It has been designed to contribute to the reading of poetic texts; under present examples will be intertextuality in the dialogue of Sophia de Mello Breyner Andresen with Ricardo Reis, heteronymous of Fernando Pessoa. The theoretical basis that is serving as anchor for this research are the principles of linguistics and text analysis of the speech, covering, respectively, the intertextuality *stricto* and *latu sensu*. The methodology procedure used the theoretical / analytical and the analysis are qualitative. The study can characterize the new texts / speeches on their archetypes / speeches by founding figures poetical of intertextualidades: of similarity and dissimilitude. The results presented are partial and part of a broader research about the intertextuality in the construction of poetic texts.

KEY WORDS: similitude, dissimilitude, poethic texts.

Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu na cidade do Porto a 6 de novembro de 1919. Estudou na Universidade de Lisboa. Coursou por algum tempo Filologia Germânica de Letras de Lisboa.

Escreveu Poesia, Dia do Mar, Coral, No Tempo Dividido, Mar Novo, O Cristo Cigano, Livro Sexto, entre outras. Além da poesia, tem cultivado a literatura infantil (A Menina do Mar, A Fada Oriana), contos (Contos Exemplares) bem como o ensaísmo literário, inclusive é autora de um ensaio sobre Cecília Meireles.



A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, segundo a crítica literária, possui a beleza do mundo. No conjunto da obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen há o encontro do mítico com os elementos naturais: a sensibilidade da poetisa filtra as linhas objetivas da realidade física, mesmo quando os temas clássicos e históricos podem recrutá-la para atitudes opostas.

A autora apresenta-se com uma hipersensibilidade feminina, embora, em nenhum momento ceda ao lirismo amoroso. Seus poemas de amor colocam o sentimento numa altitude inacessível aos sentimentos elementares, pois a maturidade e a privilegiada intuição a proibiram de situar noutro plano as questões do coração.

Sophia de Mello Breyner Andresen participou ativamente dos mais importantes movimentos políticos e sociais de seu país, por acreditar neles e por não poder viver isolada como se vivesse numa torre de marfim. Sendo assim, sua convivência com os fatos fez despertar sua consciência de que, como cidadã e acima de tudo como poetisa, não podia se colocar à margem deles, nem tinha o direito de se isolar. Isso influenciará, fortemente, sua vida e, por consequência sua obra, fazendo desta uma obra de rigor, de verdade, com a qual procurará contribuir para a formação de uma consciência comum. A militância no Partido Comunista Português permitiu-lhe imprimir em seus poemas um sentido de justiça e questionamento social.

A presente análise com seus respectivos intertextos é o resultado de pesquisas realizadas, a partir das saliências percebidas, durante o estranhamento causado na leitura do poema “Dual”. Assim, pretende-se demonstrar o papel da intertextualidade na leitura reconstrutiva do texto poético. Para isso, realizou-se uma pesquisa a partir de diversas intertextualidades, de forma a construir um sistema de intertextos arquetípos com os quais o poema “Dual”, de Sophia de Mello Breyner Andresen está intertextualizado.

Tendo por ponto de partida as saliências deixadas pela poetisa com a dedicatória a Ricardo Reis à “Ode a Ricardo Reis” e a expressão linguística de “irmão do que escrevi”, realizou-se uma pesquisa nas Odes de Ricardo Reis e na Obra Poética de Fernando Pessoa.

Entre as Odes de Ricardo Reis encontra-se o poema “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio” que é um intertexto do “Dual” de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Tem-se assim:



I

Não creias, Lídia, que nenhum estio
Por nós perdido possa regressar
Oferecendo a flor
Que adiamos colher

Cada dia te é dado uma só vez
E no redondo círculo da noite
Não existe piedade
Para aquele que hesita.

Mais tarde será tarde e já é tarde.
O tempo apaga tudo menos esse
Longo indelével rasto
Que o não-vivido deixa.

Não creias na demora em que te medes.
Jamais se detém Kronos cujo passo
Vai sempre mais à frente
Do que o teu próprio passo

II

Escuta, Lídia, como os dias correm
Fingidamente imóveis
E à sombra de folhagens e palavra
Os deuses transparecem
Como para beber o sangue oculto
Que nos tornou atentos

III

Ausentes são os deuses mas presidem.
Nós habitamos nessa
Transparência ambígua,

Seu pensamento emerge quando tudo
De súbito se torna
Solenemente exacto.

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para o pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Amemo-nos tranqüilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento -
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu lewares o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim-à beira rio.
Pagã triste e com flores no regaço.



O seu olhar ensina o nosso olhar:

Nossa atenção ao mundo

É o culto que pedem.

IV

Falamos junto à luz. Lá fora a noite

Imóvel brilha sobre o mar parado.

À sombra das palavras o teu rosto

Em mim se inscreve como se durasse.

V

Faz da tua vida em frente à luz

Um lícido terraço exacto e branco,

Docemente cortado

Pelo rio das noites.

Alheio o passo em tão perdido estrada

Vive, sem seres ele, o teu destino

Inflexível assiste

À tua própria ausência.

VI

Irmão do que escrevi

Distante me desejo

Como quem ante o quadro

P'ra melhor ver recua.

Mas tu, Neera, impões

Leis que não são as minhas.

Teus pés batem a dança

De sombra e desmesura

Em frente da varanda

Fugidia cintilas

Longas mãos brancos pulsos

torcem os teus cabelos

Quando irrompe da noite

Tua face de toira

E acordas as imagens

Mais antigas que os deuses.



VII

Eros, Neera, sacudiu os seus
Cabelos sobre a testa larga e baixa
Eros-Neera-Antínoos
Irrompe no terraço.
Palmeiras nas ruínas de Palmira.
Eros poisou seu rosto no teu ombro
Eros soltou as feras
Do halali, Neera.

As palavras que ocorrem nos dois poemas são: *Lídia, rio, vida, deuses, flor, sombra, mar*. Em Ricardo Reis, ocorre apenas uma referência a *barqueiro sombrio* = crença egípcia de um deus que passa o homem da vida para a morte, levando-o da margem direita (cidades dos vivos) para a margem esquerda do rio Nilo (cidades dos mortos).

No poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, a palavra *deuses* é retomada, por citação, porém há expansão, na medida em que nomeia *deuses (Kronos, Eros, Neera)* e insere uma personagem literária grega (*Antínoos*).

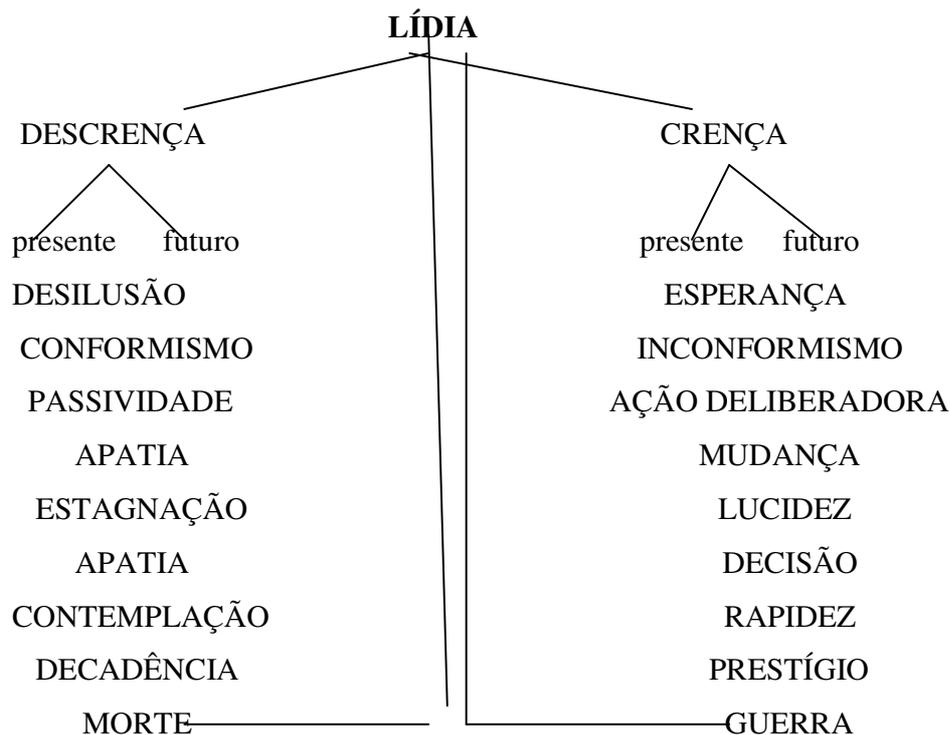
Há intertextualização entre Sophia de Mello Breyner Andresen e Ricardo Reis; este com a palavra *Fado* e aquela com a palavra *destino*. No poema de Ricardo Reis, ocorrem as palavras *sombra*, ao passo que, no poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, a palavra *dia* é progredida por luz, lucidez, em oposição à noite, escuro, havendo, também, oposição, à palavra *sombra*.

Pode-se verificar, por essa intertextualidade, que Sophia de Mello Breyner Andresen diferencia-se de Ricardo Reis, interpretando-se, hermeneuticamente, como um aspecto do DUAL entre os dois poetas.

Sophia de Mello Breyner Andresen intertextualiza-se com Ricardo Reis, diferenciando-se dele; intitula seu poema, “Dual” e expressa, lingüísticamente, sua oposição. Essa leitura pode ser representada pelas oposições: (c.f. gráfico abaixo):

RICARDO REIS

SOPHIA DE MELLO B. ANDRESEN



Tanto o poeta quanto a poetisa dialogam com Lída. Ele exprime em seus versos a sua descrença, no presente e no futuro, e a decadência do momento em que vive; instiga Lída a se conformar com a situação e ser passiva. Ela exprime a crença na mudança e instiga Lída a agir com lucidez, decisão e rapidez.

Tanto Fernando Pessoa quanto Sophia de Mello Breyner Andresen referem-se a seus contextos histórico-sociais, representando, lingüisticamente, pela linguagem poética, os portugueses e Portugal.

O DUAL de Sophia de Mello Breyner Andresen situa fatos vividos em Portugal na década de 70 e enfatiza, de certa forma, uma descrença; todavia, não a descrença religiosa em Portugal, mas a descrença no “não fazer nada para mudar”:

A poetisa ordena à Lídia que não creia que as oportunidades perdidas possam regressar, pois, assim, como a flor, que fenece, os momentos que nos são oferecidos também não permanecem por muito tempo à espera de serem “colhidos”. Esta representação metafórica da natureza, também está nos versos do poeta, porém de forma diferente. Ele instiga Lídia para que se sente com ele, à beira do rio, e, passivamente, assista ao correr do rio.

O rio está presente nos dois poemas e, metaforicamente, representa o passar do tempo: como as águas do rio jamais voltam, o tempo jamais volta; ambos correm e passam. O rio Tejo é muito presente no imaginário de todos os portugueses; foi, por ele, que saíram para seus descobrimentos e, por ele, voltaram a Portugal. Portugal enriqueceu com os seus descobrimentos para, em seguida, empobrecer-se e perder seu prestígio.

As figuras de intertextualidades examinadas, ao serem reconhecidas pelo leitor-analista, permitiram que se levantasse um “corpus” de intertextualidades. A análise dos intertextos indicam que há figuras de intertextualidades indicadas por Jenny (1979), porém há outras que trazem uma nova contribuição.

A Ampliação: verifica-se a presença desta figura em: quanto à passagem do tempo, quanto a representação do significado da flor. Assim, por exemplo, tem-se:

-**a passagem do tempo**, nos versos de Ricardo Reis, é limitada pelo curso das águas do rio, num movimento contínuo e imutável, com suas águas correndo para o mar. Dessa forma, para Ricardo Reis, o tempo está coisificado nas águas do rio que vão para o mar. A personificação, para o poeta, é a da “vida”: *a vida passa e não fica, nada deixa e nunca regressa.*

-**a passagem do tempo**, nos versos de Sophia de Mello Breyner Andresen, é ampliada através da personificação do tempo na figura de Kronos embora parte do tempo coisificado. Dessa forma, o tempo é ilimitado, passa e não retorna: *jamais se detém Kronos cujo passo/vai sempre mas à frente/do que o teu próprio passo.* O tempo, em seus versos, é o responsável pela necessidade urgente de mudança, pois este não pára, não espera, não volta.

-**a flor**, nos versos de Ricardo Reis, é o objeto que suaviza o momento: “...Pega tu nelas e deixa-as no colo, e que o seu perfume suavize o momento.

-**a flor**, nos versos de Sophia de Mello Breyner Andresen, representa a oportunidade que o momento oferece e que não se deve perder: oferecendo a flor/que adiamos colher.

Dialoguismo do poeta e da poetisa com Lídia e com Neera

Dessa forma, Sophia de Mello Breyner Andresen faz o seguinte movimento: para falar de Portugal, de hoje, recorre a Fernando Pessoa- a Ricardo Reis- à Lídia- à Grécia para representar Portugal da década de 70. Esse movimento é interpretado pela reconstrução histórica como o desejo de uma mudança imediata para a situação do povo português. Ainda que tudo pareça estar deterministicamente retornando, a possibilidade de mudança depende apenas da ação individual, pois assim como o tempo, ninguém permanece igual.

A Interversão: a título de exemplificação, apresentam-se as seguintes interversões:

o mar, nos versos de Ricardo Reis, é receptor das águas do rio: *vai para um mar, muito longe, sempre iria ter ao mar.*

o mar, nos versos de Sophia de Mello Breyner Andresen, faz parte do cenário, está parado, estagnado, imóvel: *lá fora a noite brilha sobre o mar parado.* Assim sendo, a ação portuguesa durante os descobrimentos está modificada na passividade do povo português de sua época e Sophia de Mello Breyner Andresen está instigando esse povo a agir novamente.

Lídia, uma adolescente em flor, nos versos de Ricardo Reis, é passiva e aceita as ordens que lhe são impostas: *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio. sossegadamente fitemos o seu curso, enlacemos as mãos, desenlacemos as mãos, porque não vale a perna cansarmo-nos, mais vale saber passar silenciosamente e sem desassossegos grandes, “amemo-nos tranqüilamente, pensando que podíamos, se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias, depois pensemos crianças adultas e nem fomos mais do que crianças.*

Lídia é uma mulher, nos versos de Sophia de Mello Breyner Andresen, e é instigada a não esperar e a agir: não creias Lídia que nenhum estio por nós perdido possa regressar, escuta, Lídia, como os dias correm fingidamente imóveis, não creias na demora em que te medes.

Dessa forma., a poetisa dá ênfase não só a Lídia, mas sobretudo aos fatos. Se nos poemas de Ricardo Reis, a força dos acontecimentos impede que o indivíduo aja e faz com que ele se torne um mero espectador, a autora, ao contrário, instiga Lídia a reagir.

Esses versos reiteram também o compromisso social e poético de Sophia de Mello Breyner Andresen. Isso pode ser comprovado por meio de um discurso proferido por ela durante um almoço em sua homenagem.

A Elipse: verifica-se a presença dessa figura, por exemplo, através das expressões Lídia, mar, flor, rio.

Há elipse no poema “Vem sentar-te comigo, Lídia”, na medida em que o poeta retoma a expressão Lídia, embora no seu poema aja Amplificação, pois ele está em dialoguismo com ela que se encontra personificada: pagã inocente, pagã triste, criança ingênua. Dessa forma, recorre à Grécia Antiga e aos acontecimentos que lá aconteceram e os compara aos que estão acontecendo em Portugal, demonstrando, assim, que nada mudou e nada adiantará fazer alguma coisa, pois nada mudará.

Mudança de nível de sentido: um esquema semântico é retomado no novo texto com um novo nível de sentido. Em Ricardo Reis a estrutura semântica do poema é organizada pela isotopia de Portugal decadente cuja progressão semântica é realizada pela passividade frente à decadência, de forma a representar um conformismo, na medida em que nenhum tipo de ação pode alterar no percurso do tempo o contexto social de Portugal de sua época.

A isotopia de Portugal decadente no poema “Dual” da poetisa intertextualiza-se com o poema de Ricardo Reis por uma intersversão na mudança de nível de sentido. A progressão semântica dessa isotopia é realizada pela autora que instiga o povo português a agir, pela crença na necessidade da mudança, o que levará este povo a ser prestigiado e poderoso novamente.

Outras figuras de intetextualidade obtidas a partir desta análise:

As análises realizadas com os intertextos e o poema “Dual” de Sophia de Mello Breyner Andresen permitem que se possa caracterizar outras figuras de intertextualidade em relação às propostas por Jenny.

Assim, tem-se:

a) **o dialoguismo**

O texto novo retoma por similitude o interlocutor do seu intertexto; no caso dos poemas “Dual” e “Venha sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio, “Lídia” é o interlocutor de ambos os poetas. É possível, também, considerar-se esta figura como um caso específico de Elipse;

b) **ampliação por dialoguismo:**

O texto novo retoma por similitude o interlocutor do seu intertexto e amplia para outros interlocutores, modificando-o; no caso no caso dos poemas “Dual” e “Venha sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio, “Lídia” é o interlocutor de ambos os poetas, mas no “Dual”, a interlocução está ampliada para “irmão do que escrevi” e “Neera”; e

c) a interversão por contrariedade

Nesse caso, o texto novo opõe-se a seu intertexto, modificando-o por contrariedade.

Segundo Palma (1998:105), retomando Lopes (1976) a contrariedade *afirma a presença/ausência da mesma característica entre os termos A e B*.

Entre os textos “Dual” e “Vem sentar-te comigo, Lídia” há oposição de conteúdo entre os dois poemas, pois tem-se :

- em Ricardo Reis: passividade, conformismo e descrença; e
- em Sophia de Mello Breyner Andresen: ação, inconformismo e crença.

d) a interversão por contraditoriedade com termos correlatos

Nesse caso, o texto novo apresenta, ao mesmo tempo, características de outros intertextos, por similitude com um(ns) e por diferença com outro(s).

Como já o foi indicado, a contraditoriedade afirma e nega, ao mesmo tempo, uma mesma característica (Cf. Palma 1998:105)

Entre os textos “Dual” e “Vem sentar-te, Lídia”, intertextualmente, tem-se:

- em relação à forma expressiva:

Há - Similitude do “Dual” com “Vem sentar-te comigo, Lídia” por:

Dialoguismo (Lídia); com a forma clássica do “Vem sentar-te comigo, Lídia” e a construção do padrão pela autora, no “Dual”; mas, também, por:

- Oposição na ruptura que a autora faz com o padrão poético introdutório em relação à forma poética de Ricardo Reis; e

- Similitude com a forma poética do grupo de poetas a qual Sophia de Mello Breyner Andresen se insere.

-em relação ao conteúdo:

- Similitude do “Dual”, com o compromisso social do poeta em relação a Portugal, nos intertextos de Sophia com os poetas de seu grupo e com o próprio texto da autora a respeito do que é a poesia; mas

- Oposição do “Dual” com “Venha sentar-te comigo Lídia a beira do rio”: “irmão do que esvrevi

- Similitude do “Dual” com “Venha sentar-te comigo Lídia a beira do rio”, na medida em que em ambos os poemas “Lídia” é a personificação de Portugal.

Portanto, é possível verificar que nenhum discurso é auto-fundado e que ele, em relação a seu discurso fundador, sempre se encontra modificado. Tal modificação pode ser apresentada, como analisamos, por tipos de figuras de intertextualidades, tanto por **similitude** quanto por **dissimilitude**.

As figuras intertextuais de **similitude** definem-se pela **adesão** ou **complementação** ao sistema de texto arquétipos do discurso fundador.

A **adesão** pode ser dada por **dialoguismo** e por **elipse**, ocorrendo no discurso modificado uma intertextualidade citada por truncamentos, ou seja, apenas por algumas palavras.

A **complementação** pode ser dada por **ampliação**, retomando-se por **similitudes** alguns elementos do intertexto arquétipo do discurso fundador e ampliando-os ao serem complementados por outros.

As figuras intertextuais de **dissimilitude** definem-se pela **oposição** ao sistema de textos arquétipos do discurso fundador. Tal oposição pode se dar por **contrariedade**, quando o texto novo nega o seu texto arquétipo; e, por **contraditoriedade**, quando, ao mesmo tempo, apresenta adesão e/ou complementação por similitude e dissimilitude, aderindo e opondo-se aos intertextos, modificando-os.

BIBLIOGRAFIA

ANDRESEN, S.M.B. *Dual*. 2ª ed. Lisboa, Moraes, 1977.

BEAUGRAND, R. A. e DRESSLER, W.U. *Introduzione alla lingüística testuale*.
Bologna: Il Mulino, 1984.

CAVALCANTI, M. do C. *Interação leitor-texto: aspectos de interpretação pragmática*.
Campinas, Editora da UNICAMP, 1989.

COSTA LIMA, L. *A Literatura e o Leitor – Textos de Estética da Recepção*. Rio de
Janeiro: Paz e Terra, 1979.

DELAS, D. Y FILLIOLET, J. (1973) - *Lingüística y Poética*. Trad. De Nicolás Bratosevich
y Haidée Massoni. Argentina: Hachette, 1981.

DENHIÈRE, G & BAUDET, S. *Lecture Compréhension de texte et sciense cognitive*. 1a



- ed. Dépór légal. Dépór légal. France: Avril., 1992.
- ISER, W. et alii. A literatura e o leitor. Rio: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, R. et alii. A literatura e o leitor. Rio: Paz e Terra, 1979.
- JENNY, L. alii. “Intertextualidades”. In: Poétique nº 27. Coimbra: Almedina, 1979.
- KOCH, I.V. “Intertextualidade e Polifonia. Um só fenômeno?” DELTA. Vol.7
Nº 2. ABL, S.P: 1991.
- MAINGUENEAU, D. (1980) Novas Tendências em análise do discurso. 3ª ed. Campinas:
Pontes-UNICAMP: 1997
- PALMA, D. V. A leitura do poético e as figuras de pensamento de oposição:
caminhos e descaminhos de paradigmas na modernidade. Tese de doutorado em
Linguística Aplicada ao ensino de línguas. PUC/SP, 1998.
- PESSOA, F. *Obra Poética*. Volume único. Rio de Janeiro, Aguiar, 1995.
- SILVEIRA, R.C.P da. “Leitura: produção interacional de conhecimentos”. In:
Língua Portuguesa – História, Perspectivas, Ensino (org. Neusa Barbosa Bastos).
São Paulo: EDUC, 1998.
- SPERBER, D. e WILSON, D. (1986). Las relevancia- Madri: Visor, Madrid, 1994.
- TAVARES, M.L.G. “O papel da intertextualidade no poema “Dual” de Sophia de
Mello Breyner Andresen”. Dissertação de Mestrado. PUC/SP 1999.
- ZILBERMAN, R.- Estilística da Recepção e História da Literatura, S.P, Ática, 1989.